

Psicanálise sem programa: uma questão morcego que deve ser examinada à luz do dia

Psychoanalysis without a program: a bat question that must be examined in the light of day

RAMIRO ARIEL FERNANDEZ

RESUMO: Neste trabalho são revisadas algumas indicações sobre a particularidade da psicanálise, realizadas por Lacan em 1955, que nos permitem considerar a importância da utilização de um programa de pesquisa científica para seu estudo, prática e desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise - variantes da cura - verdade - ciência - ficção.

ABSTRACT: This paper reviews some indications about the particularity of psychoanalysis carried out by Lacan in 1955 and that allows us to consider the importance of using a scientific research program for its study, practice and development.

KEY WORDS: psychoanalysis - variants of the cure - truth - science - fiction.

Introdução:

Se se observa com cuidado, no diálogo da psicanálise com outras disciplinas científicas costuma-se encontrar um ar de desconfiança, silencioso, disfarçado, por parte destas últimas. O fantasma da a-cientificidade permanece oculto, à espreita, em muitos dos interlocutores da psicanálise e os leva a supor que estão dialogando com um corpo de saberes que, embora antigo, operativo e eficaz, é também ignóbil aos olhos do rigor do método científico.

Os mais progressistas se orgulham de serem adeptos do diálogo, mas uma dúvida, na maioria das vezes apoiada no desconhecimento, é guardada no silêncio. E os leigos, por sua vez, resolvem o dilema levando a questão para o campo da crença ou da incredulidade, como se os efeitos do inconsciente dependessem disso.

Mas este não é um assunto novo, tanto que hoje podemos ler, a partir de uma perspectiva renovada, as reflexões que Lacan introduziu a esse respeito em 1955. Para tanto, vamos começar lendo a fábula "O morcego e as doninhas", de Esopo.

Um morcego caiu no chão e imediatamente foi capturado por uma doninha que detestava aves. Vendo-se à beira da morte, implorou à doninha que o deixasse viver. A doninha recusou, dizendo que era de sua natureza ser inimiga de todas as aves. Determinado a não desistir, o morcego assegurou que não era uma ave, mas sim um rato. Incerta, a doninha se aproximou do morcego e, ao perceber que ele não tinha penas, o deixou em liberdade.

Alguns dias depois, o morcego caiu novamente no chão e foi capturado por outra doninha. No entanto, essa doninha sentia uma grande hostilidade em relação aos ratos. Mais uma vez, o morcego implorou por sua vida. A doninha recusou, afirmando que desde o dia de seu nascimento era inimiga de todos os ratos. O morcego assegurou-lhe que não era um rato, mas sim uma ave. A doninha se aproximou do morcego e, ao observar suas asas, permitiu que ele voasse. Foi assim que o morcego escapou duas vezes.¹

Esta é a fábula que Lacan utiliza para se dirigir aos analistas da década de 50 em seu texto “Variantes do tratamento-padrão”, cujo primeiro subtítulo é: "Uma questão morcego: examiná-la às claras".

A fábula é utilizada para ilustrar o lugar em que o psicanalista se encontrava diante da interpelação da comunidade médica sobre o método, a técnica e a possibilidade de tipificar a cura psicanalítica – e a forma como finalmente acabava atuando sob essas exigências. Dado que esta mensagem conserva grande atualidade diante da oposição entre "terapia baseada em evidências científicas e não", destaquemos que o valor destas reflexões de Lacan só fez aumentar após o corte que APOLa interpôs nos desenvolvimentos teóricos da psicanálise pós-lacanianiana nos últimos 20 anos, aproximadamente. E a ferramenta que utilizou para realizar e sustentar essa operação é um Programa de Investigação Científica. Portanto, revisaremos alguns dos argumentos propostos por Lacan nesse texto, para adequá-los à nossa psicanálise atual e futura.

Vamos começar com a seguinte afirmação:

(...) a psicanálise não é uma terapêutica como as demais.²

¹ Esopo. O morcego e as doninhas. Tradução Nossa.

² Ibidem.p.312. Tradução Nossa.

Isso se deve ao fato de que sua abordagem, seu objeto e suas consequências são diferentes das de qualquer outra terapêutica entre as possíveis no âmbito dos tratamentos das aflições do ser humano. Mesmo quando se trata das terapias psicológicas, com as quais costuma ser confundida, a psicanálise se diferencia de forma radical.

Se for julgada a partir de uma posição tradicional se se avaliam seus efeitos desde a lógica do "terapêutico", o psicanalista até agora não soube responder mais do que se distanciado dos padrões científicos, afirmando que o que faz é uma prática, praxis ou somente uma profissão ou ofício. Dessa forma, evita que lhe atribuam que sua ação tende a reconduzir ao normal, ação moralizante incompatível com a psicanálise.

Mas se aceita abertamente que sua prática tem efeitos verificáveis, logo será solicitado que os enquadre na lógica da evidência científica e realize uma protocolização do tratamento, o que o levaria a sair do campo da psicanálise. Por isso, até agora e diante dessa demanda, o psicanalista tradicional negou a vertente científica da psicanálise e se afirmou em uma extraterritorialidade do campo da ciência.

Lacan afirma que na psicanálise trata-se de

(...) um rigor ético fora do qual qualquer cura, ainda que repleta de conhecimentos psicanalíticos, não seria mais do que psicoterapia.³

... acrescentemos que 'mesmo repleta de conhecimentos psicanalíticos' ou de estatísticas, não passaria de um remendo que funcionaria apenas como placebo.

Porque as curas da psicoterapia que se apoiam em evidências científicas, em muitas ocasiões, não são mais que pseudocuras de manual, que ficam reduzidas à formalização de um saber estruturado por uma estatística que constitui um padrão impessoal. Motivo pelo qual "terapeutizar o psíquico" é vivenciado como um insulto à inteligência pelas pessoas com recursos suficientes para perceber que, sob a indicação do manual, está a busca por uma homogeneização da subjetividade. Diante disso, o sentimento de ofensa é o mínimo que se pode impor como defesa, guardando os bons modos.

O psicanalista se distingue do tratamento oferecido por qualquer outro terapeuta no seguinte:

(...) faz, de uma função que é comum a todos os homens, um uso que não está ao alcance de todo mundo quando porta a palavra.⁴

³ Ibidem.p.312. Tradução nossa.

⁴ Ibidem.p.336. Tradução Nossa.

O que significa que, em vez de tratar um paciente com o que é justo ou correto, o psicanalista “se cala em lugar de responder”, acolhendo o dizer e possibilitando a construção conjunta de uma trama feita de significantes. Porque calar não significa não falar, assim como falar não significa dizer. Continuando com as reflexões que Lacan apresenta em seu texto, devemos revisar outra de suas famosas afirmações:

(...) a curação chega como um benefício agregado da cura psicanalítica.⁵

Esse enunciado soa anti-intuitivo e sua estética funciona como uma arapuca que deixa o leitor tomado pela sensação de estar diante de uma afirmação de valor duvidoso, uma obviedade ou um *nonsense*.

Nessa frase, interagem dois termos derivados de cura: a "curação" e a "cura psicanalítica", que aqui se referem a coisas diferentes. E aí está a confusão. Por um lado, temos a "cura psicanalítica", da qual podemos dizer que consiste na resolução do quadro sintomático que o paciente traz para a consulta — além do quê, indo além dessa conquista, pode avançar até a resolução da neurose em sua totalidade. Em segundo lugar, temos a "curação", que chegará como benefício agregado de um percurso psicanalítico. Essa outra cura, então, deve ser entendida como a cura de algo considerado patológico, mas em um sentido mais clássico do termo. Trata-se da cura das patologias próprias do campo das doenças psicológico-psiquiátricas e até mesmo médicas.

Ou seja: ao percorrer uma psicanálise, é possível que ocorram mudanças no campo médico-psicológico. Será mesmo possível? Porque é diante dessa possibilidade que surgem as resistências mais generalizadas, afinal trata-se de algo difícil de aceitar mas ocorre com mais frequência do que se supõe.

Lembro-me de que no início da minha prática clínica recebi uma mulher de aproximadamente 38 anos de idade que se apresentou como "infértil". E não apenas porque ela o dissesse, mas porque vários médicos e vários exames clínicos realizados com os melhores especialistas do país confirmavam, apoiados na mais irrefutável evidência científica, que ela era infértil. Essa questão não foi discutida, pois não havia dúvidas. O diagnóstico era irrefutável. E diante da pergunta sobre o assunto, ela enumerava as provas e as "eminências" que haviam confirmado isso.

Começamos a ter sessões semanais de psicanálise. Após o transcurso de 8 meses e de abordar temas dos quais afirmava nunca ter falado daquela maneira com ninguém, um dia ela se sentiu satisfeita e decidiu interromper o tratamento. A vida continuou. Mas cerca de um ano após a

⁵ Ibidem. p.312. Tradução Nossa.

interrupção das sessões, um parente dela, a pessoa que na época havia me indicado a ela, — disse a mim, de forma casual, sem entrar em detalhes, que minha ex-analisante havia tido um filho, lindo e saudável, e que naquele momento o bebê já tinha alguns meses de vida.

Como alguém que percebe que há uma conexão invisível entre o tratamento psicanalítico e o nascimento do bebê, ela me comunicou isso de forma incrédula, de passagem. Ignorando completamente a existência prévia dos diagnósticos médicos, dos quais ela tinha conhecimento. Cumprindo o ditado "a nobreza obriga"⁶ e libertando-se de uma dúvida cartesiana na qual talvez tenha ficado presa, diante da evidente modificação daquilo que era uma verdade irrefutável. Não era possível que aquele jovem analista, que ela conhecia de algum ambiente qualquer, tivesse sido capaz de conjurar esse milagre que desafiava a prova e a explicação científica.

Mas nós aqui, hoje, podemos afirmar que o que se trata neste recorte é da concepção de Lacan sobre a verdade, segundo a qual ela "tem estrutura de ficção". A verdade inquestionável do diagnóstico médico produz uma ficção discursiva que toma o sujeito e o coloca em uma posição determinada. Já a verdade como ficção, como Lacan a toma de Jeremy Bentham, não se trata de uma ficção situada no plano do imaginário, mas no real. Ela opera como um impossível lógico ao qual não se pode chegar diretamente, mas que pode ser desmontado por meio da desconstrução da estrutura na qual está montado.

E o utilitarismo descrito por Bentham para essa verdade que se revela como uma ficção discursiva deve ser situado, neste caso, naquilo que Foucault articula: um aspecto da verdade na modernidade está centrado no discurso científico e nas instituições que o produzem, constantemente instigadas por determinações políticas e econômicas. É nessa linha que agora podemos compreender melhor a afirmação de Lacan:

uma psicanálise, padrão ou não, é a cura que se espera de um psicanalista.⁷

Isso porque até mesmo aqueles que não sabem exatamente o que obterão e como será o que obterão de uma psicanálise sabem ou intuem que será diferente de tudo o mais. Talvez no ponto em que se trata de uma prática advertida dessas determinações político-econômicas e, portanto, de um espaço onde o paciente, futuro analisante, poderá ser escutado.

Por último, gostaria de finalizar este trabalho afirmando que a utilização de um Programa de Investigação Científica para o estudo, desenvolvimento e progresso da psicanálise nos permite delimitar, descrever e modificar a posição da doninha, do morcego e da ave; ao incluí-los em uma

⁶ Nota da tradução: tradução da expressão original em francês, *Noblesse oblige*.

⁷ Lacan, J.: "Variantes de la cura tipo". Escritos I. Buenos Aires: Siglo XXI. 2008.p317. Tradução Nossa.

matriz conceitual que não exclui nem nega nenhum deles, dado que busca explicá-los a todos e colocá-los cada um em seus devidos lugares.

BIBLIOGRAFIA

1. Bocado Crespo E. (2006). La teoría de las no ficciones de Bentham. *Thémata. Revista de filosofía*. THÉMATA. N. 36.
2. Castro, E. (2011). *Diccionario de Foucault*. Buenos Aires: Siglo XXI.
3. Esopo. El murciélago y las comadreas. Disponible en <https://arbolabc.com/fabulas-para-ni%C3%B1os/el-murcielago-y-las-comadreas>
4. Lacan, J. (2008). Variantes de la cura tipo. *Em Escritos I*. Buenos Aires: Siglo XXI..

RAMIRO ARIEL FERNANDEZ

Psicólogo, especialista em psicologia clínica pela UBA.

Membro da Apola desde 2009, pesquisador em psicanálise e psicanalista.

rapsifer@gmail.com